



RALPH STEINMAN Identificou as células dendríticas, que lhe valeram um Nobel – póstumo. O tratamento de Safira (à esq.) tem por base a sua descoberta

Vacina de células dendríticas

INDICAÇÕES Estudos apresentam melhores resultados em tumores do rim, cérebro, próstata e pele, embora possa aplicar-se em todos os casos de tumores «sólidos»

ONDE HÁ Alemanha (Institut für Tumorthérapie, Duderstadt, e Medical Center Cologne, Colónia); Reino Unido (Cancer Vaccine Institute, Selborne); EUA (MD Anderson, Texas)

QUANTO CUSTA Cerca de 5 mil euros por toma. Um paciente precisa, em média, de 4 a 6 doses, espaçadas no tempo. Acresce o preço das viagens e estada

- todas privadas, oferecem este tratamento aos seus doentes mas encomendam o trabalho de laboratório à Alemanha, sobretudo ao Institut für Tumorthérapie, dirigido pelo médico Thomas Nesselhut, que produz as vacinas há mais de uma década. Neste país, ao contrário do que

sucede no resto da Europa, as vacinas foram aprovadas pelas autoridades de saúde e são comparticipadas pelas seguradoras germânicas. Os pacientes de outros países têm de desembolsar, em média, 20 mil euros por quatro a seis tomas de vacina. Mas só na unidade de Nesselhut, em Duderstadt, já foram vacinadas mais de três mil pessoas, de todo o mundo.

A ALTERNATIVA DE SAFIRA

Uma das pacientes mais recentes de Nesselhut foi a portuguesa Safira Freitas, de 5 anos, cuja família optou por este tratamento pós-operatório – como a VISÃO revelou em outubro passado – em vez da quimioterapia proposta pelos oncologistas que a acompanhavam. Safira mantém-se bem de saúde e em março viajará de novo para a Alemanha, a fim de receber um reforço da vacina. Também a portuguesa Fátima Galamba decidiu apostar nesta terapêutica, noutra clínica alemã, em Colónia. A pintora, de 57 anos,

leu uma entrevista com o diretor desta clínica, Robert Gorter, e ficou intrigada, dado o prognóstico desanimador traçado pelo seu oncologista, quando os exames confirmaram que o cancro da mama tinha regressado. Fez as malas e partiu para a Alemanha. «Já tinha retirado um nódulo da mama, aos 51 anos. Fiz quimioterapia e radioterapia, mas o cancro voltou», conta ao telefone, a partir de casa em Espanha.

Fátima tinha metástases ósseas, e pouco haveria a fazer para travar a doença. Em 2008, Gorter aconselhou-a a fazer a vacina, associada a tratamentos de hipertermia, em que o corpo é sujeito a temperaturas elevadas, o que travará a progressão das células tumorais. Seis meses depois dos primeiros tratamentos, a pintora repetiu os exames. Quatro anos depois, as metástases continuam sem progredir e os marcadores tumorais não dão sinais. «O Dr. Gorter tem razão: ainda vamos celebrar juntos os 88!»

Também prometedora é a investigação em torno dos telómeros – estruturas que revestem as pontas dos cromossomas e que participam na divisão celular. Estudos mostram o seu papel no controlo do envelhecimento e do cancro, e já há vários ensaios clínicos baseados no conceito. «É uma realidade para alguns tipos de cancro. Há terapêutica dirigida a alvos moleculares, e cada vez mais o conhecimento das mutações leva a que se tenham desenvolvido inibidores, usados já na clínica, em cancro do pulmão, ou melanoma», sublinha Castro Caldas. A ideia é sempre diminuir os efeitos secundários e oferecer um tratamento personalizado. Se há coisa que já aprendemos nos últimos 50 anos é que devemos desconfiar de milagres. Mas os resultados das terapêuticas desenhadas à medida de cada um prometem-nos, ao menos, um horizonte menos negro. ▣